

H. P. Blavatsky escreve:

“O presente é somente uma linha matemática que divide aquela parte da eterna duração a que nós chamamos futuro, daquela parte que nós chamamos passado.” (“The Secret Doctrine”, Theosophy Co., Vol.1, p.37)

Ao ritmo da “Grande Respiração”, incontáveis universos surgem e desaparecem. De forma análoga, a respiração da alma desdobra-se em inúmeras encarnações e devachans. Cada vida contém um número de anos, assim como um ano contém 365 dias, um dia 24 horas, uma hora reúne 60 minutos, e um minuto, 60 segundos. Um segundo pode sintetizar uma vida inteira.

Cada um destes ciclos de tempo é uma unidade em si, e como unidade contém a potencialidade de todos os números.

O tempo obedece à Lei da Periodicidade, e por isso é cíclico e renovável. Todo ciclo de tempo é composto de outros ciclos. Ciclos dentro de ciclos.

Ao estabelecer as nossas metas e nossos objetivos a alcançar durante um novo ano, é importante considerar não só o ciclo anual como meditar também sobre a importância decisiva de cada momento.

O ritmo, a constância e a atenção são fatores decisivos para que cheguemos vitoriosos ao final de uma aprendizagem, quer ela seja de um dia, um ano ou uma vida. Ao mesmo tempo, a atenção e o ritmo nos permitem manter o foco no centro de paz ao longo das marés e dos momentos aparentemente agradáveis e desagradáveis.

Para aquele que tem diante de si uma meta elevada, e que procura tornar-se um servidor da humanidade, o tempo é um bem precioso e um verdadeiro mestre. Ele não tem pressa. Ele é diligente. Ele não é ansioso mas não cai na indolência. Ele sabe que num certo sentido a vida não é breve, mas não a desperdiça. Ele olha para os grandes ciclos de tempo, mas não perde as oportunidades ocultas no momento presente.

Ele vai percebendo, de forma progressiva, o profundo ensinamento que afirma que tempo é carma e que aprender a agir de acordo com a lei é aprender a tornar-se um com o mestre Tempo.

O bom uso do tempo está igualmente relacionado com a capacidade de saber desocupar-se e abrir espaço na vida para o que é mais importante - espaço emocional para o que é bom, espaço mental para o que é justo e belo, etc.

É essencial aprender a manter diante do olhar uma meta elevada e, em última instância, o Espaço e a Duração eternos.

John Garrigues escreveu o seguinte:

“Provavelmente ninguém sabe de tantas coisas que devem ser feitas quanto um teosofista. Mas quando o vasto número de atividades é reduzido aos deveres que cabem especificamente a ele, fica bem mais fácil percorrer o caminho com estabilidade, e sem atropelos. O teosofista dedicado deseja conscientemente assumir a responsabilidade pela sua própria evolução com o

objetivo de prestar serviço, do modo mais eficaz possível, à humanidade. Ele busca uma meta que na maior parte dos casos será alcançada depois de várias vidas, se tudo der certo; e para a obtenção desta meta o espírito da pressa não só é fútil, mas constitui, claramente, um obstáculo.” [1]

Mais adiante Garrigues acrescenta:

“A ação é indispensável; mas se ela não for rítmica e harmoniosa, não desenvolverá suas possibilidades mais elevadas, capazes de produzir um benefício duradouro. Para que estas características sejam desenvolvidas, são necessários uma avaliação e um discernimento conscientes do objetivo da atividade, assim como do modo como a atividade se desenvolve.”

Diz um ditado popular que “a pressa é inimiga da perfeição”. Dizendo de outra forma, “a pressa é inimiga da ação correta”.

A pressa está ligada ao curto-prazo, à aparência; por sua vez, a calma e a ação ponderada estão ligadas ao longo-prazo, ao essencial - aquela ação que sairá vitoriosa por cima de qualquer circunstância. [2]

Garrigues aconselha:

“Algo que se deve ter presente ao olhar para todas as nossas atividades é o fato de que o teosofista não está fazendo um trabalho por tarefa, mas a teosofia é um trabalho em tempo integral, no qual a qualidade da produção é mais importante do que a mera quantidade.”

Fazer bem não é fazer mais. Fazer mais raramente é fazer bem.

O guerreiro vitorioso é aquele que está em paz e que gasta menos energia no combate. A plena atenção ou a Vontade concentrada [3] permite a ação mais eficiente - a ação correta -, aquela que leva em conta a qualidade dos efeitos, que por sua vez se tornarão causas de outros efeitos e se repercutirão em tempo, ou pelo tempo. Como John Garrigues afirma:

“[Q]uanto mais completa for a atenção naquilo que estamos fazendo, tanto mais eficiente será a nossa administração do tempo disponível.”

Uma vida plena e feliz avança misteriosamente ligada à arte de gerir o tempo no cumprimento do dever. Ao longo do novo ano que se abre, tenhamos sempre presentes aqueles versos maravilhosos do “Dhammapada” que ensinam:

“Devemos viver, pois, livres da ansiedade e felizes entre os que estão consumidos pela preocupação. Entre os ansiosos, que nós vivamos livres da ansiedade. Devemos viver com felicidade, pois, nós que nada possuímos. Vivamos como os Seres Iluminados, alimentados pelo contentamento.” [4]

NOTAS:

[1] “Deixando a Pressa de Lado”, John Garrigues. Disponível no website www.FilosofiaEsoterica.com.

[2] “A Arte de Planejar o Futuro”, Carlos Cardoso Aveline. Disponível no website www.FilosofiaEsoterica.com.

[3] “A Importância da Atenção”, Um Autor Anônimo. O texto pode ser lido em www.FilosofiaEsoterica.com.

[4] “O Dhammapada”, capítulo quinze. Disponível no website www.FilosofiaEsoterica.com.

A Educação Para o Despertar Humano

Está na Hora de Cuidar do Desenvolvimento da Consciência

Regina Maria Pimentel de Caux

Fernando Savater, um filósofo espanhol, diz que “toda ética digna deste nome parte da vida e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica”. Isso implica dizer que o horizonte da ética é a vida boa, e não apenas a vida individual, mas a vida coletiva, aquela que se partilha com os outros em sociedade.

Pensar a nossa prática e verificar até que ponto ela contribui realmente para uma vida digna e boa é algo bastante oportuno. É preciso que o professor indague sempre se ele faz bem o seu trabalho, e se esse trabalho faz bem para ele e para aqueles com os quais ele o partilha.

Torna-se necessário ter uma reflexão que busca a compreensão, o sentido. O “miolo” da ética é o bem comum. Segundo a professora Terezinha Azeredo Rios, “embora se afirme a presença de uma dimensão moral no trabalho didático, na ação docente, reivindico que nela se configure, fundamentalmente, uma dimensão ética.

Falamos em dimensão ética da competência porque a competência guarda uma referência a algo de *boa qualidade* - a algo que se exercita como se *deve ser*, na direção não apenas do bem, entendido com múltiplas significações, como se verifica na moralidade, mas do *bem comum*.”[1]

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no seu artigo 2º afirma que “a educação... tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania”. Entretanto, essa proposta deve fazer parte do projeto pedagógico da escola e não uma tarefa a ser realizada isoladamente pelo professor.

Colocamos a vida no automatismo e nem sempre refletimos sobre o nosso trabalho. Vê-lo em profundidade é imprescindível considerando que a escola é o lugar da formação. Muitos insistem em cuidar dos sintomas ao invés de sanar o mal a fundo. Erich Fromm já dizia que “a destrutividade é a forma como cada um se volta contra a sua incompletude”. Como o desleixo

com o essencial não ajudou, está na hora de cuidar do desenvolvimento da consciência, do desenvolvimento integral da natureza, condição indispensável para uma sociedade saudável e chave para a felicidade. Revisando nossa forma de lidar com os dias, podemos chegar a novas formas de vivê-los, percebendo o novo caminho que se abre a cada avanço de consciência.

S. Radhakrishnan escreve:

“Apesar das aparências, vemos na atual inquietação do mundo o surgimento gradual de uma grande luz, a confluência de esforços vitais, uma compreensão crescente de que há um espírito secreto no qual todos vivem em comunidade, e do qual a humanidade é o mais alto instrumento na Terra.” [2]

Hoje em dia, fala-se bastante em educação integral ou holística, e a UNESCO proclama um ideal holístico quando reconhece a importância de aprender a fazer, mas também de aprender a conviver e a ser. Precisamente os jovens necessitam de uma educação que os ajude a crescer antes de tudo como seres humanos, em lugar de lhes impor um aprendizado descontextualizado e alienante.

Essa educação holística deve desenvolver a consciência, a vitalidade dos valores humanos, o autoconhecimento, a ética, a fraternidade universal, o ensinar a viver de modo correto, e sem cujo desenvolvimento a vida perde sentido.

É preciso despertar no jovem o esforço básico na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos universais. Neste sentido, o teosofista Robert Crosbie considera que o propósito da vida é aprender e que tudo é aprendido: “Portanto, apóie-se sobre o Eu Superior - seja como o grande fundo do oceano que nunca se movimenta, embora as tempestades possam alterar sua superfície.” [3]

Para Albert Einstein, “o homem que considera a própria existência desprovida de sentido não só é infeliz, como também dificilmente consegue adaptar-se à vida.”

Temos que buscar continuamente a docência competente:

“Não basta dominar bem os conceitos de sua área - é preciso pensar criticamente no valor efetivo desses conceitos para a inserção criativa dos sujeitos na sociedade. Não basta ser criativo - é preciso exercer sua criatividade na construção do bem-estar coletivo. Não basta se comprometer politicamente - é preciso verificar o alcance desse compromisso, verificar se ele efetivamente dirige a ação no sentido de uma vida digna e solidária.” [4]

Certamente, o filósofo cearense Farias Brito nos inspira com o seu pensamento e nos impele a trabalhar para que os jovens de hoje possam viver um amanhã em paz e amor e gerem formas de vida e instituições melhores que as da civilização patriarcal: “mas poderoso e invencível, nos impele a trabalhar com todo o esforço pela conservação da vida.” [5]

Apontando na mesma direção, Aveline escreve que, “se possuímos a força necessária para olhar para nós próprios, veremos algo básico e fundamental: é mudando a nós próprios que eliminamos a fonte de desconforto. Isso não exclui mudanças externas, mas nos dá força para fazê-las em paz, se forem necessárias.” [6]

NOTAS:

[1] “Compreender e Ensinar - Por uma docência da melhor qualidade”, Terezinha Azeredo Rios, Cortez Editora, p. 106.

[2] “A Felicidade Surge da Sabedoria”, Regina Maria Pimentel de Caux, texto disponível no site www.FilosofiaEsoterica.com.

[3] “O Propósito da Vida”, Robert Crosbie, texto disponível no site www.FilosofiaEsoterica.com.

[4] “Compreender e Ensinar - Por uma docência da melhor qualidade”, Terezinha Azeredo Rios, Cortez Editora, pp. 108 e 109.

[5] “A Intensa Dor da Felicidade Suprema”, Farias Brito, em www.FilosofiaEsoterica.com.

[6] “A Consolidação da Vitória”, Carlos Cardoso Aveline, em www.FilosofiaEsoterica.com.

A Resposta da Teosofia

Um Estudante no Rastro da Verdade

Tales Elias Lima



Helena P. Blavatsky atravessou meu caminho antes que eu tivesse lido ou ouvido falar qualquer coisa a respeito de Teosofia. Enquanto me debruçava em livros - à procura de algum rastro da Verdade - não foram poucas as vezes que me deparei com o nome da fundadora do movimento esotérico moderno.

Devo confessar que em alguns casos seu nome era seguido por críticas de algum tipo. Acusações que às vezes eram feitas com tamanha imprudência - e ausência de fontes - que dificilmente resistiriam a um exame rigoroso. O ambiente - livros e websites - onde eram feitos alguns desses comentários em muitos casos eram eles próprios um tanto obscuros. Ideias na maioria das vezes desconexas eram apresentadas sem que se percebesse um fio qualquer que as ligasse de maneira coerente. Tudo isso só serviu para aguçar ainda mais

minha vontade de avançar em direção a H. P.B e sua Teosofia. Se aqueles que visivelmente haviam perdido o bom senso atacavam Blavatsky e o movimento do qual ela havia sido fundadora, então pensei que sua vida merecia, no mínimo, ser analisada com toda perspicácia e impessoalidade que me fosse possível.

As críticas diretas a H. P. B. foram diminuindo na mesma medida que fui avançando. Quanto mais aprofundava meus estudos, tanto mais reverentes eram os depoimentos em relação a Blavatsky. Ainda assim, fatos se misturavam a lendas. No entanto, ao invés de denegridas, suas obras passaram não apenas a serem indicadas, mas consideradas de leitura obrigatória a todo buscador sincero.

Outro fator que serviu para despertar ainda mais minha curiosidade foi a presença da palavra “Verdade” em contraposição a “Religião”, no lema do movimento. Afinal, quem eram esses indivíduos que corajosamente proclamavam de peito aberto sua posição em relação a uma questão tão delicada? Não seria essa uma postura radical demais se considerarmos a posição conservadora da sociedade atual e o momento histórico que vivemos? Devemos considerar ainda que em 1875, ano da fundação do movimento, a situação devia ser ainda mais sensível.

Um pensamento atribuído a George Bernard Shaw [1] me ajudou a entender esse sentimento:

“Homens razoáveis se adaptam ao mundo. Homens não razoáveis adaptam o mundo a si. Por isso todo progresso depende destes últimos.”

A ideia implica que o avanço da civilização humana depende dos Poucos homens “não razoáveis” - ou que são vistos assim por aqueles que se consideram donos da razão.

“Helena Blavatsky”, a obra de Sylvia Cranston

Decidi, então, tentar entender o momento e as circunstâncias que envolveram a fundação do movimento teosófico em 1875. Queria me situar e, acima de tudo, saber quem foi Helena P. Blavatsky. Senti que precisava “zerar” tudo o que tinha ouvido a respeito de H. P.B, e, de certa forma, também sobre espiritualidade, cristianismo, esoterismo, budismo, ocultismo etc. Pretendia começar a construir uma base sólida que garantiria minha lucidez durante a longa jornada que se apresentava à frente.

Após breve pesquisa, concluí que o livro “Helena Blavatsky”[2], de Sylvia Cranston, era uma biografia confiável. Já com o livro em mãos, mergulhei de corpo e alma no velho continente em meados do século 19. Aos poucos tudo foi ficando mais claro.

O livro de Cranston é muito bem fundamentado. Seu índice remissivo aproxima-se das 100 páginas. E embora, acredito, não tenha sido escrito com fins comerciais, pode ser lido como um romance, e apesar da quantidade de informações e documentos, é uma leitura relativamente leve.

Notamos logo nas primeiras páginas do livro que a vida de Blavatsky não foi fácil. Fica evidente que um tremendo esforço foi necessário para suportar as provações que toda alma experiente tem que enfrentar quando seu eu inferior é colocado em contato direto com uma civilização que oscila entre o materialismo e o fanatismo. Ela trouxe a Teosofia. Não uma nova filosofia, mas aquela que explica as verdades dos antigos - e de todos os tempos - ao mundo moderno. Um movimento que vinha para resgatar os Poucos que naquele momento se

viam como órfãos e aparentemente sem condições de crescerem sozinhos. Os que responderam ao chamado da Teosofia eram livre-pensadores que há muito não encontravam respostas nos dogmas religiosos, e tampouco se contentavam com a falta de explicações da ciência ocidental.

Os fenômenos “extraordinários” que cercavam Blavatsky atraíram a atenção da mídia e dos curiosos. Em sua luta por desmistificar esses fenômenos - mostrando que poderiam ser compreendidos se fossem corretamente analisados - ela despertou a ira de muitos. Cientistas viam sua frágil convicção desmoronar diante das evidências, ao mesmo tempo em que se recusavam a admitir que os povos antigos dominavam as leis da física e da química e a compreendiam em uma amplitude muito maior do que eles poderiam imaginar. Os espíritas, que tinham na mediunidade e na interação com “espíritos dos mortos” uma cômoda explicação para o processo além-morte, foram, ao menos por um período, provavelmente seus críticos mais moderados.

Mas a Teosofia viria não apenas para desmistificar fenômenos até então incompreendidos. Antes de tudo, deveria servir para derrubar dogmas seculares que a hipocrisia do clero religioso preservava à custa da ignorância das massas e do assassinato de milhares de pensadores. Daí se pode concluir que a biografia de Helena Blavatsky, escrita por Sylvia Cranston, narra uma aventura de proporções épicas.

Os capítulos do livro se sucedem e os personagens - até então desconhecidos por mim, mas que hoje me parecem tão próximos - vão se apresentando; Cel. Olcott, William Q. Judge, Damodar K. Mavalankar e outros tantos; artistas, escritores, pintores, cientistas, pensadores e reformadores, políticos e ativistas, que de uma forma ou outra estavam envolvidos com o movimento ou com a própria H. P. B.

Em alguns trechos do livro, encontramos depoimentos de personalidades que mudaram o rumo da história de nossa civilização.

Nas palavras de Gandhi:

“A teosofia é o ensinamento da Sra. Blavatsky. É o que o Hinduísmo tem de melhor (...) Alguns líderes muçulmanos não encontraram a fraternidade humana entre os hindus. Eles dizem que o Islã é a fraternidade humana. O fato é que o Islã é a fraternidade dos muçulmanos. A teosofia é a fraternidade humana.” [3]

Sobre seu segundo encontro com H.P. B., Anagarika Dharmapala - “uma figura marcante no trabalho pelo renascimento espiritual da Ásia” - escreveu:

“(...) E então aos dezenove anos, decidi dedicar minha vida ao estudo da ciência oculta. Entretanto, em Madras, a Sra. Blavatsky se opôs ao meu plano. ‘Será muito mais sábio para você que dedique toda a sua vida ao serviço da humanidade’, ela disse.”[4]

O jovem Damodar, que ingressou na sociedade teosófica após ler “Ísis Sem Véu” e posteriormente viria a se tornar um discípulo direto e muito próximo de H. P. B., escreveu:

“Não é exagero dizer que sou um homem realmente vivo há somente alguns meses; pois entre a vida como me parece agora e a vida como compreendia antes, há um abismo intransponível... Eu aspirava somente por mais terras, posição social e pela gratificação de

desejos e apetites... O estudo da teosofia lançou uma luz sobre mim com relação ao meu país, à minha religião e ao meu dever. E tornei-me um hindu melhor do que jamais fui. Ouvi, de modo similar, os meus irmãos parses dizerem que são melhores zoroastristas desde que se uniram à Sociedade Teosófica. Vi também os budistas escreverem inúmeras vezes à Sociedade para dizer que o estudo da teosofia fez com que eles apreciassem melhor a sua religião. E assim esse estudo faz cada homem respeitar mais sua própria religião. Ela lhe dá uma visão que atravessa a letra morta e mostra claramente o espírito...”[5]

Pelas páginas do livro de Cranston também circulam com liberdade - mas não impunemente - alguns dos maiores adversários de Blavatsky e da Teosofia. Os fatos estão muito bem documentados. Dependendo do interesse de cada leitor, o índice remissivo pode levar ainda mais fundo nos episódios que permearam os primeiros anos do movimento teosófico.

As páginas centrais da obra de Sylvia Cranston são dedicadas às fotos dos principais “personagens do romance”. Entre um capítulo e outro, encontramos cópias de desenhos de William Q. Judge, de H.P.B, e outros documentos. Por todo o livro são encontradas “chaves” para entender a Filosofia Esotérica, a Teosofia e a própria Lei que rege a vida no universo.

A última parte da obra mostra o impacto que as obras de Blavatsky e aqueles primeiros anos do movimento teosófico tiveram nos anos que seguiram. Sua influência foi ampla. A teosofia original não apenas antecipou o que a ciência viria a descobrir décadas mais tarde, mas verdadeiramente contribuiu de forma pioneira para que elas fossem possíveis. Uma sobrinha de Albert Einstein afirma que uma cópia de “A Doutrina Secreta” de H. P. B. estava sempre presente na mesa de trabalho de seu tio.[6]

Assim como Einstein, muitos outros cientistas e físicos, filósofos e pensadores, ativistas e reformadores, escritores e artistas diversos tiveram suas mentes iluminadas pela resposta da teosofia.

Fazendo a Diferença

Com mais da metade do livro de Cranston lido - e já com uma lista de outra meia dúzia anotada para aquisição posterior - era o momento de procurar por amigos, por irmãos de Teosofia, que deviam estar reunidos em algum lugar. A essa altura, já acessava o website www.FilosofiaEsoterica.com com regularidade, e o convite para compartilhar um estudo diário da teosofia original, presente ao final de cada artigo, chamava atenção.

Outro fato que despertou meu interesse foi um banner - ou janela - presente no blog www.TeosofiaOriginal.com , que trazia uma ilustração do globo terrestre e os dizeres:

“Quer Ajudar a Fazer A Diferença?”.

Com um clique nesse banner, o visitante é levado ao E-grupo **SerAtento**. Novamente me ocorreu um pensamento parecido com aquele que tive quando li pela primeira vez o lema do Movimento Teosófico. Afinal, quem são esses indivíduos que se veem como responsáveis - ou co-responsáveis - pela evolução de nossa civilização? Não seria pretensão demais achar que podemos fazer alguma diferença?

Robert Crosbie diz que o teosofista não assume a responsabilidade de realizar tarefas importantes porque se sintia especialmente qualificado, mas porque sabe que “alguém tem que fazer a tarefa”. [7]

Há indícios de que, ao longo da história, outros grupos de Poucos também se sentiram responsáveis pela humanidade. No prefácio da segunda edição de seu livro, “Psicanálise e Religião”, Erich Fromm cita Abade Pire:

“O que é importante não é a diferença entre crentes e os não crentes, mas entre os que se preocupam e os que não se preocupam.” [8]

A essa altura, eu já não tinha mais dúvidas de que eu era alguém que queria ajudar a fazer a diferença. Não me sentia de forma alguma pronto, ou capaz de fazer muito. Mas sabia que através do contato mais direto com um grupo de estudos poderia me aprimorar e assim aumentar minha capacidade de contribuir de forma mais efetiva para “acelerar o alvorecer” de um novo tempo.

É claro que se questionado, o cidadão comum dirá que também se importa com o futuro do planeta e com o bem-estar daqueles que o coabitam. Porém, a prática mostra que a maioria rejeita a ideia de qualquer ação engajada, se para tanto tiverem que abrir mão de algum conforto ou mudar pequenos hábitos que seja.

É verdade que existem ONGs com visão planetária. Há grupos de indivíduos corajosos e despojados que se unem para aliviar da melhor forma possível a dor de seus semelhantes; que levam comida aos que tem fome; que olham pelos animais etc.

Ambientalistas sérios dedicam suas vidas à causa ecológica e frequentemente nos alertam sobre o impacto nocivo que o homem vem causando ao meio-ambiente. Temos a ONU que a certa distância, encerra os ideais da futura civilização. Contamos com alguns poucos governantes com visão universalista que buscam promover a paz e, em alguma medida, o comércio mais justo. Madre Teresa, Chico Mendes - para citar apenas dois exemplos recentes - levantaram a bandeira, emitiram um mantra que devia acordar os que dormem embalados pelo sono da indiferença. Todos esses guerreiros são necessários e cumprem papel importante na luta por uma civilização mais justa e fraterna.

Porém, a batalha travada pelos teosofistas é outra. Ela ocorre no plano das causas. Seus agentes trabalham pela cura e não para o alívio da dor. A luta é contra a ignorância em favor da verdade. Um grupo de teosofistas, antes de tudo, é uma reunião de pesquisadores e trabalhadores pela busca da verdade.

Não se impede o desmatamento de uma floresta colocando-se pessoas entre uma árvore e a serra elétrica. Da mesma forma que um assassinato não é impedido apenas porque existe uma lei que diz que o criminoso ficará preso durante muito tempo. Não se evita um ato cruel com a luta no plano físico. A batalha é mental, astral e acontece na consciência de cada um.

Enfim, enviei um e-mail para o endereço indicado nos sites parceiros, lutbr@terra.com.br, e me apresentei à coordenação.

Já como membro e leitor do E-grupo **SerAtento**, via as mensagens selecionadas pelos amigos que me remetiam aos artigos na íntegra. À medida que os textos iam se acumulando -

imprimo todos - me senti obrigado a criar um sistema simples para catalogá-los e assim ter acesso fácil a determinado trecho ou artigo quando fosse necessário. Foi dessa forma que em pouco tempo já contava com cinco cadernos com mais de 200 folhas cada, com índice ordenado por assuntos e autores. Confesso que ainda me perco um pouco para tentar encontrar determinados artigos e passagens. Ainda tenho muito que melhorar como organizador e bibliotecário.

Quando alguém ingressa no **SerAtento**, é recomendado que fique 21 dias como leitor silencioso. Devo confessar que não consegui ficar calado por tanto tempo. Assim, ainda antes de estar completamente adaptado ao ambiente e ter o mínimo de conhecimento Teosófico para emitir uma opinião que valesse a pena ser verbalizada, fiz uma observação qualquer sobre o artigo “Meditando Pelo Despertar do Brasil”. Meu comentário foi tão fora de propósito que fui obrigado a começar a contar novamente o prazo de 21 dias.

Valeu a experiência. Com o tempo absorvi e fui absorvido pela aura do grupo e minha integração pode ser feita de forma mais harmônica. No início, alguns dias a mais lendo e compartilhando os estudos indicados fazem grande diferença. O amadurecimento tende a ser mais rápido quando estamos em contato com o ensinamento autêntico.

Hoje sei que tenho um eu inferior maleável, o que me permite continuar caminhando mesmo em condições adversas. Uma peça de porcelana delicada se quebra em pedaços mesmo quando golpeada de leve. Porém, é em altas temperaturas que se forja o aço. De forma análoga, apenas com o atrito ao longo de vários séculos e a pressão do magma presente no interior da Terra é que se formam os diamantes.

Aquele que decidiu entrar no caminho deve ter em mente que será constantemente desafiado e até certo ponto é desejável que se encontre alguma satisfação nesses casos. Não pela oportunidade de provar determinado ponto de vista, mas por saber que apenas nessas condições - confrontando ideias e não indivíduos - é que vamos aperfeiçoando nosso instrumento de trabalho. Ensinando, aprendemos. Falando, ouvimos. Escrevendo, lemos. Pensando, estimulamos o nosso princípio mental e abrimos as portas para aprender melhor.

A Vivência do Estudo

Em Teosofia, aprendemos desde cedo que só a correta visão leva à ação correta. Portanto, o aspirante deve, antes de tudo, esforçar-se, através de estudos e outros meios, para aumentar seu poder de discernimento. Esta ideia parece óbvia e qualquer objeção a ela deve ser vista com desconfiança. Devemos avançar como pesquisadores, analisando cada questão e objeto de diferentes pontos de vistas - com auxílio de nossos colegas, sempre que possível - sem se acomodar em uma posição passiva, o que nos limitaria como investigadores da verdade.

Talvez, para alguns, a Filosofia Esotérica possa parecer “dura” demais. Entendo que nem sempre é fácil se livrar de uma ilusão que nos conforta. Qualquer um que pretenda estar de posse de toda a verdade comete um grave erro, mas uma análise racional dos fatos nos obriga a aceitar que aquele que olha a mesma questão por diferentes ângulos, está mais próximo da verdade a respeito dessa questão do que aquele que não move os pés do lugar.

Nesse ponto, cada um deve se perguntar e refletir a respeito da importância que a verdade tem em suas vidas. Não apenas a verdade dos fatos, mas também Verdade última e transcendental que e a própria Lei Universal.

No artigo “Sobre a Verdade - Satya” [9], encontramos uma carta de Gandhi endereçada ao Ashram Satyagraha:

“Abordarei primeiramente a Verdade, pela razão mesma de ser do Ashram Satyagraha [10], que é procurar a Verdade e esforçar-se para colocá-la em prática. A palavra Satya (Verdade) vem de Sat, que significa ser. Na realidade, não existe nada a não ser a Verdade. É por isso que Satya ou Verdade talvez seja o nome mais importante para Deus. Com efeito, dizer que a Verdade é Deus é mais certo que dizer que Deus é a Verdade.”

No artigo “The Future of Mankind is Bright” [11], vemos um trecho sobre a importância de se buscar a verdade:

“Se o primeiro passo é falso, a queda é inevitável. Se a primeira palavra é uma mentira, não há um Caminho. A primeira nobre verdade é Dukkha: a vida não é sempre confortável. Deixar que as pessoas pensem que o caminho da sabedoria é fácil é equivalente a uma mentira direta, que desconecta os indivíduos da busca da verdade.”

O trabalho está apenas começando. O potencial do ser humano é ilimitado, pois é ilimitado o potencial da alma imortal que o anima.

A cada pequeno passo dado, um longo caminho se desdobra a nossa frente. É escolha de cada um trilhá-lo ou abandoná-lo.

NOTAS:

[1] O pensamento está - com palavras não exatamente iguais - na obra “Homem e Super-Homem”, de George Bernard Shaw.

[2] “Helena Blavatsky”, A Vida e a Influência Extraordinária da Fundadora do Movimento Teosófico Moderno, de Sylvia Cranston (Ed. Teosófica, Brasília, 1997, 678 pp.).

[3] “Helena Blavatsky”, de Sylvia Cranston, p. 217.

[4] “Helena Blavatsky”, de Sylvia Cranston, p. 238.

[5] “Helena Blavatsky”, de Sylvia Cranston, p. 231.

[6] “Helena Blavatsky”, de Sylvia Cranston, p. 474 e nota 22 da parte 7 na página 651.

[7] “The Friendly Philosopher”, de Robert Crosbie, Theosophy Co., Los Angeles.

[8] “Psicanálise e Religião”, Erich Fromm (Edições 70, Lisboa, Portugal, 2003, p. 9 , 110 pp.).

[9] “Sobre a Verdade - Satya”, de Mahatma Gandhi. O texto que pode ser encontrado através da Lista de Textos por Ordem Alfabética em www.FilosofiaEsoterica.com.

[10] Ashram: local de retiro em comunidade, comunidade dedicada ao caminho místico. (Nota do editor de “O Teosofista”)

[11] “The Future of Mankind is Bright”, de Carlos Cardoso Aveline que pode ser encontrado através da List of Texts By in Alphabetical Order em www.TheosophyOnline.com .

Os Novos Textos em FilosofiaEsoterica.com

A seguir, o relatório de www.FilosofiaEsoterica.com e websites associados, válido para 13 de janeiro.

O total de textos em espanhol é de 30. Entre eles, há dois livros. Em inglês, são 406 textos.

Em língua portuguesa há 698 itens. Em italiano, três textos. Em francês, um livro. Total nos cinco idiomas, 1138 itens.

Nos últimos 30 dias, três textos foram retirados do site por vários motivos. Os textos incluídos nos websites associados entre 10 de dezembro de 2012 e 13 de janeiro de 2013 são os seguintes:

(Artigos mais recentes acima)

1. Letters Between Blavatsky and Judge - 19 - *Helena P. Blavatsky*
2. Letters Between Blavatsky and Judge - 18 - *Helena P. Blavatsky*
3. A Consolidação da Vitória - *Carlos Cardoso Aveline*
4. Letters Between Blavatsky and Judge - 17 - *Helena P. Blavatsky*
5. The Aquarian Theosophist, December 2012
6. The Power of an Ideal - *Steven H. Levy, M.D.*
7. The Spirit of Contentment - *Steven H. Levy, M.D.*
8. Para Alcançar a Felicidade - *Carlos Cardoso Aveline*
9. Letters Between Blavatsky and Judge - 16 - *Helena P. Blavatsky*
10. Letters Between Blavatsky and Judge - 15 - *Helena P. Blavatsky*
11. Letters Between Blavatsky and Judge - 14 - *Helena P. Blavatsky*
12. Letters Between Blavatsky and Judge - 13 - *Helena P. Blavatsky*
13. Boletim O TEOSOFISTA, Dezembro 2012.

